

Tire uma grega morena  
Mais bela do que o luar,  
Quando a noite cai serena  
Como o teu profundo olhar.

Tive uma loura andaluza,  
Tive duas de Milão...  
Meu amôr ninguém recusa,  
Tenho no peito um vulcão!

— Queres viver, gondoleiro,  
Nas montanhas de Friburgo?  
Vem mais perto o nevecoiro,  
Acende a lanterna azul.

— Não temo, não, os escóculos,  
Irá de chegar o arrebol...  
Eu tenho a lux dos teus olhos  
São ellos o meu pharao.

Vô lá, filha do oriente  
Quantas mulheres amei!  
Mas hoje estás tu lábio quente,  
Tudo o mais esqueceres.

— Não me fajas, gondoleiro,  
Como fez o rei de Thalib?  
Eis... chegou o nevecoiro,  
Acende a lanterna azul.

— Vamos dormir sem receio,  
Tu desmaias de languor...  
Quero beber no teu seio  
Todo o nectar do amor!

Minha gondola não pára,  
No golpho corre veloz...  
A noite torna-se clara,  
Sinto volúpia na voz.

— Eu te amo, gondoleiro,  
O' mes amante tauf!...  
Ja não sinto o nevecoiro,  
Apaga a lanterna azul.

Setembro—1889.

DECIO DE LIMA.

### NOTAS A LAPIS

SUMMARIO.—Introdução, Luso-Brasileira, Ainda a Luso, Companhia Lyrica, Tauradas, Camara eclesiástica, Um Idílio.

Isto é serio, mesmo muito serio. Creio plamente que não fará rir, salvo um riso de fina ironia dos labios frescos da travessa yáyá, que são como uns latégos diabólicos que dão perdão.

Confesso francamente que não sei escrever com espírito, mesmo porque me pareço que o escritor gaiano deve ter assimim uns arreios nescios, uns ficecias na curva do nariz, sempre pronto a cheirar novidades e scenasinhas pilhérias.

Ei não estou neste caso. Quem cheira por mim é o nariz do proprietário!

Não é raro que elle me venha interromper nos minhas flanagões com o Leopoldo, que me recita sempre um sonzinho que termina invincivelmente por um ataque de histerismo. Logo à entrada, eu prevejo que elle vomit represto. Então conta as novidades elaboradamente, com tal impeto que o proprio piava-me parece dar saltinhos de contentamento. Fimdo o ditinho, elle retira-se aliviado, não sem

que o Leopoldo lhe faça a leitura mente em nosso theatro. Não é do soneto, porque elle, o proprietário, também entende destas coisas de sôes, estrelas, brizas e que sei eu.

Eis aqui o que elle me contou.

A nossa sympathetic Luso-Brasileira festejará no dia 5º o sexto aniversario de sua instalação, levando à scena o drama em 3 actos *Luzia Deder* e a comédia *Pelacca e Russas*. Não cabe aqui uma apreciação sobre o modo porque os distinguidos amadores conduziram seus papeis; mas não me posso furtar ao desejo de passar pelos tipos estas palavrinhas que me estão saltando do hico da pena. E este um dos drames que têm sido representados satisfactoriamente por esta sociedade, que conta em seu gabinete moços de reconhecida vocação para o theatro.

Dieder e Martin, estiveram irrepreensíveis...

Quanto à comédia, é bastante consignar que foi representada pelo Moreira e o Heria. Que dois! Disse-me o proprietário que o theatro nessa occasião, parecia uma gargalhada homérica! E que elle está filiado à escola de Victor Hugo, por isso solta de quando em vez destas hyperboles fumassambicas. O Moreira, no seu papel de Papo-fina, parecia dizer à platéa, Ri... fico a folgar que disto tenho poucas vezes. O proprietário recitou uma poesia, saudando a sociedade e o Firmiano também deitou saudação pelas columnas do Mercantil. Eu, à meu turno, desejei-lhes prosperidade, a elle — o Firmiano e à Luso.

Por falar na Luso, quero dar-lhe os parabéns pela modançâ de sexo. É realmente extraordinário; mas é a verdade. Quem o diz não sou eu, é o Conservador de 28 do passado, em artigo de gazetilha. Eis o topico... essa sociedade, porrmã, porrmã é insólito um homem honesto, bon cicidão, artista de mérito etc. Hom massa! Quantos títulos de recommendation! Ela que lhe agradaço. O expectem, porrmã, não fico no que citamos. Temos mais este pedacinho que tem uns laivos mythologicos: Esta comparsa é para nós um facto saliente e só que haja o importâncio de uma conclusão logica, resultado natural da disposição das diversas circunstâncias que acabámos de mencionar.

Os leitores não compreenderão? Põem nem eu. Esta é uma linguagem muito elevada! Ou aquillo... ou a responsabilidade do futuro. Tanto ou como o proprietário, vamos encarregar o Pacifício da analyse d'esse período aquático.

Estou no capítulo do dramatico, por isso não deva esquecer a companhia lyrica, que trabalha actual-

mente em nosso theatro. Não é uma companhia de primeira ordem; mas tem artistas de mérito.

As operas que mais agradaram foram: *Lucrezia Borgia*, *Força do destino*, *Pipiel e Trosador*. Estava anunculado para hostens a *Traviata*. *Perséfone*, talvez o chronista da proxima semana, exterrará, certamente, um juizo imparcial sobre o desempenho dessa opera.

Temos na capital mais um divertimento. Fallo das Tauradas, cujo circo se está construindo na Várzea. Bem bom! o Zé-poeta gosta disto. Quando elle ver surgir a capinhas encarnadas, gritará entusiasmado: A' ubra! a ubra! Elles, os touristas, farão prodigies e o Zé voltará para casa satisfeito, por ter gasto os seus cobres tão utilmente. Que elle faça bom proveito.

O que tem trazido a cidade em alarme é a questão eclesiástica. Certamente foi isto que deu lugar à missa que o cabido mandou rezar, para celebrar o vigésimo aniversario do coroação do senhor bispo. E que o nosso clero dâ o cavaquinho pelo seu prelado. Gostei muito destas manifestações no nosso pastor evangélico. O que não gosto das licenças para casamento, pagas com namea pelos pretendentes no santo hymeneu, porque pretendendo em breve dar o sagrado né e a vida está muito cara, devido aos estragos da inundação. O proprietário faz coro comigo neste assunto.

Esta final tem um quê de sentimentalismo. Vai com vistas a uma morenita, bela e gentil, que mandou-me as *Histerias Caribuanas*, com uma pagina marcada pela sua unha fina e rosada.

Aposto que Carlos Ferreira (o poeta) não imaginou que o seu livro podesse fazer de Mercurio. Li todos aqueles poemas em prosa e gostei. Havia ali idílios, cor de rosa, como os teus dedinhos, doce morena; fantasias brancas, como os teus olhos dentinhos; pensamentos languorosos, como os teus olhos negros e tentadores. O proprietário que tenha paciencia comigo. Vou citar Victor Hugo, mudando apenas a palavra —primavera.

O Lábio! tu és uma carta que eu te escrevi!

E com esta julgo que justifiquei o que disse na minha introdução: Creio plamente que não faço rir. Pode desculpa, se ao contrario, fiz alguma chorar.

Última hora: o proprietário manda lembranças a quem tomar a assinatura.

Bura.

que o Leopoldo lhe faça a leitura do soneto, porque elle, o proprietário, também entende destas coisas de sôes, estrelas, brizas e que sei eu.

Eis aqui o que elle me contou.

†

A nossa sympathica Luso-Brasileira festejou no dia 4 o sexto aniversario de sua installação, levando à scena o drama em 3 actos *Lucia Dedier* e a comedia *Polacos e Russos*. Não cabe aqui uma apreciação sobre o modo porque os distintos amadores conduziram seus papeis; mas não me posso furtar ao desejo de passar pelos typos estas palavrinhias que me estão saltando do bico da pena. E' este um dos dramas que têm sido representados satisfactoriamente por esta sociedade, que conta em seu gremio moços de reconhecida vocação para o theatro.

*Dedier e Martin*, estiveram irrepreensíveis!...

Quanto à comedia, é bastante consignar que foi representada pelo Moreira e o Horta. Que dois! Disse-me o proprietário que o theatro nessa occasião, parecia uma gargalhada homérica! E que elle está filiado à escola de Victor Hugo, por isso solta de quando em vez destas hyperboles funambulisticas. O Moreira, no seu papel de *Papa-fina*, parecia dizer à plateia: *R... toca a folgar que disto tens poucas vezes.* O proprietário recitou uma poesia, saudando a sociedade e o Firmino também deitou saudação pelas columnas do Mercantil. Eu, à meu turno, desejo-lhes prosperidade, a elle — o Firmino e à Luso.

†

Por falar na Luso, quero dar-lhe os parabens pela mudança de sexo. É realmente extraordinário; mas é a verdade. Quem o diz não sou eu, é o *Conservador* de 28 do passado, em artigo de gazetilha. Eis o topico:... essa sociedade, porém, porque é também um homem honesto, bom cidadão, artista de mérito etc. Hom'messa! Quantos títulos de recommendation! Ela que lhe agradeça. O specimen, porém, não fica no que citamos. Temos mais este pedacinho, que tem uns laivos mythologicos: Esta compensação é para nós um facto saliente e ao qual liga-nos a importâncie de uma conclusão logica, resultado natural da disposição das diversas circunstâncias que acabamos de mencionar.

Os leitores não compreenderam? Pois nem eu. Está numa linguagem muito elevada! Ou aquillo, ou a responsabilidade do futuro.

Tanto eu como o proprietário, vamos encarregar o Paciencia da analyse desse periodo aquático.

†

Estou no capítulo do dramatico, por isso não devo esquecer a companhia lyrical, que trabalha actual-

mente em nosso theatro. Não é uma companhia de primeira ordem; mas tem artistas de merito.

As operas que mais agradaram foram: *Lucrecia Borgia*, *Força do destino*, *Pípillet e Trovador*. Estava anunciado para hontem a *Traviata*. *Ponponet*, talvez o chronicista da proxima semana, externará, certamente, um juizo imparcial sobre o desempenho dessa opera.

†

Temos na capital mais um divertimento. Fallo das *Touradas*, cujo circo se está construindo na Várzea. Bem bom! o Zé-porinho gosta disto. Quando elle ver surgir a capinha encarnada, gritará entusiasmado: *A unha! a unha!* Elles, os touristas, farão prodigios e o Zé voltará para casa satisfeito, por ter gasto os seus cobres tão utilmente. Que lhe faça bom proveito.

†

O que tem trazido a cidade em alarme é a questão ecclesiastica. Certamente foi isto que deu lugar à missa que o cabido mandon rezar, para celebrar o vigesimo aniversario da coroação do senhor bispo. E que o nosso clero dá o cavaquinho pelo seu prelado. Gosto muito destas manifestações ao nosso pastor evangelico. O que não gosto é das licenças para casamento, pagas com usura pelos pretendentes ao santo hymeneu, porque pretendendo em breve dar o sagrado nô e a vida está muito cara, devido aos estragos da inundação. O proprietário faz córo comigo neste assunto.

†

Este final tem um quê de sentimentalismo. Vai com vistas a uma morenita, bella e gentil, que mandou-me as *Historias Cambiantes*, com uma pagina marcada pela sua unha fina e rosada.

Aposto que Carlos Ferreira (o poeta) não imaginou que o seu livro podesse fazer de Mercurio. Li todos aqueles poemetas em prosa e gostei. Havia ali idyllios cõr de rosa, como os teus dedinhos, doce morena; phantasias brancas, como os teus alvos dentinhos; pensamentos languorosos, como os teus olhos negros e tentadores. O proprietário que tenha paciencia comigo. Vou citar Victor Hugo, mudando apenas a palavra — primavera.

*O Labfeu! tu és uma carta que eu lhe escrevo!*

E com esta julgo que justifiquei o que disse na minha introduçao: Creio piamente que não faço rir. Peço desculpa, se ao contrario, fiz alguém chorar.

*Ultima hora*: o proprietário manda lembranças a quem tomar a assinatura.

BIBL.